

“A árvore proibida do sacerdócio”: razão e religião segundo Tom Paine

Marcos Felipe de Brum Lopes
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Mestrando do PPGH-UFF
marcosfblopes@yahoo.com.br

Resumo

O artigo visa explorar o pensamento filosófico de Thomas Paine (1737-1809), no que este toca as questões religiosas. Paine, um deísta que julgava a Bíblia como um livro herético, escreveu alguns artigos em que desacreditou as profecias bíblicas, em análises feitas a partir da Razão ilustrada. Tal Razão foi definida por Tom Paine como “a árvore proibida do sacerdócio”, já que a Bíblia, se lida pela lente das Luzes, seria despida de todo conteúdo de verdade. Assim, o trabalho almeja expor uma das vertentes da crítica iluminista às sociedades cristãs dos séculos XVIII e XIX.

Palavras-chave: Religião, razão, iluminismo.

Abstract

This article aims to explore the philosophical thought of Tom Paine (1737-1809) which is concerned with religion. Paine, a deist who judged the Bible as a heretic book, wrote some papers in which he disbelieved the biblical prophecies, in readings guided by the enlightened Reason. Such Reason was defined by Paine as being “the forbidden tree of priestcraft”, since the Bible, if read through the lens of the Enlightenment, would lose all its claims for truth. The goal is to expose one of the many types of the enlightened criticism which were addressed to XVIIIth and XIXth century’s christian societies.

Keywords: Religion, reason, Enlightenment.

Introdução

Thomas Paine (1737-1809) é um dos mais conhecidos autores do final do século XVIII. Por seu engajamento e defesa da democracia, recebeu inúmeros adjetivos, tanto positivos como depreciativos. Seu radicalismo outorgou-lhe tanto o título de revolucionário da esperança como o de herege. Suas idéias mais conhecidas são aquelas sobre sociedade, governo e nação: todo poder emana do povo por uma questão de princípios. Todo regime que não segue esse preceito racional – como as monarquias dinásticas – constitui numa verdadeira usurpação política.¹ O apoio de Thomas Paine à revolução francesa justifica-se exatamente

¹ Ver PAINE, Thomas. *Dissertations on the first principles of government*. Blackmask Online: 2001. Disponível em www.blackmasl.com. Acesso em: 14/04/2005; e _____. *Common sense*. Blackmask Online: 2001. Disponível em www.blackmask.com. Acesso em: 14/04/2005. Especialmente a seção “On monarchy and hereditary succession”.

por esta postura. É sabido que este apoio granjeou-lhe algumas inimizades, como a de Edmund Burke, outro britânico ilustrado crítico da revolução francesa, por sua visão conservadora da sociedade.

O escopo do pensamento político-filosófico de Paine pode ser classificado entre o *rol* das idéias ilustradas nascidas, sobretudo, no século XVIII – o século das *Luzes*. A capacidade de o homem pensar por si mesmo e, assim, questionar o mundo a sua volta é uma das principais marcas desse pensamento. Considerando as proposições de Reinhart Koselleck,² pode-se dizer que, se a ilustração foi exatamente o questionamento e abate do Antigo Regime – ou Absolutismo, como o próprio Koselleck denomina –, Thomas Paine construiu suas idéias em consonância e no trilho das *luzes*, pois o sistema de governo dinástico era o alvo principal de suas críticas.

Não desconsiderando tudo o que foi supramencionado, este trabalho dará outro enfoque ao pensamento do autor e tentará buscar em outras fontes, não eminentemente políticas, algumas idéias caracterizadas pelo que se chama *Ilustração*, um movimento típico do século XVIII com desdobramentos políticos e culturais. Os textos analisados são dedicados principalmente à religião: *Examination of the prophecies* é um extrato da grande obra *The age of reason*, onde Paine refuta a veracidade das profecias sobre Jesus Cristo encontradas ou referenciadas pelos quatro evangelhos bíblicos; *Existence of God* é um discurso feito no primeiro encontro público da Sociedade Teofilantrópica de Paris. *Of the religion of deism compared with the christian religion and the superiority of the former over the latter* é um artigo publicado em 30 de junho de 1804 no *The Prospect*. Alguns outros pequenos textos serão aludidos ao longo deste trabalho: foram compilados de diversas publicações sob o nome de *Essays on religion*.

A trajetória de Paine, como pensador e homem politicamente engajado, permite dizer que suas idéias não podem ser tomadas como um espelho do pensamento setecentista. Homens tidos como exemplos de *ilustração* travaram verdadeiras discussões com ele, discordando de suas posições, radicais demais para muitos. Por vezes podem-se tomar as palavras de Paine como casos limite da crítica ilustrada à tradição política e religiosa. O que se quer aqui é mostra como o tempo do fim do século XVIII era propício à discussão e como a crítica já poderia levantar a palavra no espaço público. Isso não significa a ausência da repressão da reação clerical e estatal. Na verdade, a presença das lutas entre os grupos da

² KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

crítica e da tradição é um indicador de como o período foi determinante para o que se chamou a *ilustração*.³

A política não está ausente das discussões religiosas de Paine. Os fatos ocorridos nos Estados Unidos da América (1776) e França a partir de 1789 foram determinantes para que o autor publicasse seus pensamentos sobre religião, como ele mesmo relata:

Logo após ter publicado o panfleto *Senso Comum*, na América, eu previa uma grande possibilidade de uma revolução no sistema de governo ser seguida por uma revolução no sistema religioso. (...) ...Tão logo fosse feita a revolução no sistema de governo, uma revolução religiosa deveria ocorrer em seguida. Invenções humanas e o sacerdócio seriam descobertos; e o homem se voltaria para a pura e legítima crença num só Deus, e em nenhum outro.⁴

(...)

...há muito já tinha o desejo de publicar minhas idéias sobre Religião; mas havia originalmente reservado isso para um período mais tardio da vida, desejando que fosse tal a última tarefa que deveria desempenhar. As circunstâncias, entretanto, pelas quais passava a França no fim do ano 1793, foram determinantes para que eu não mais a adiasse.⁵

Os textos filosóficos de Tom Paine

The age of reason é uma grande coleção de ensaios escritos ao longo de muitos anos. O editor do texto diz: “No prefácio de Paine a Segunda Parte de ‘The Age of Reason’, ele afirma ter escrito a Primeira Parte num tempo próximo ao fim de 1793”.⁶ Seis horas após o término da primeira parte, em 28 de dezembro de 1793, Paine foi preso pelo Comitê de Segurança Pública, que promoveu a remoção de qualquer estrangeiro da Convenção. Isso o

³ Não é sem motivo que Koselleck vê o fim do século XVIII – a revolução francesa – como resultado político da crítica filosófica surgida no século XVII – principalmente com John Locke – e levada adiante pelos grupos maçônicos e letrados do XVIII. O surgimento público da crítica derrubou o que o segredo havia lentamente minado: o Absolutismo e suas estruturas filosóficas (idéia de poder supra-social – Hobbes – e o catolicismo romano)

⁴ PAINE, Thomas. *The age of reason*. Blackmask Online, 2000. Disponível em www.blackmask.com. Acesso em 14/04/2005. p.11. Tradução livre.

⁵ PAINE, Thomas. *The age of reason*. Prefácio à parte II. p.41. Tradução livre. Os acontecimentos a que se refere Paine são o afastamento da Revolução dos princípios filosóficos que haviam lhe dado base: “The intolerant spirit of church persecution had transferred itself into politics; the tribunals, stiled Revolutionary, supplied the place of an Inquisition; and the Guillotine of the Stake. I saw many of my most intimate friends destroyed; others daily carried to prison; and I had reason to believe, and had also intimations given me, that the same danger was approaching myself”. p.41.

⁶ *The age of reason*. “Editor’s introduction”. Blackmask Online, 2000. Disponível em www.blackmask.com. Acesso em 14/04/2005. p.01. Tradução livre.

impediu de revisar o texto antes de ser levado à tipografia. A isso se deve a permanência de “erros”, um dos quais explica o editor:⁷

Ele consiste na repetida menção de Paine a seis planetas apenas, e na enumeração deles, 12 anos após a descoberta de Urano. Paine era um dedicado estudioso de astronomia, e não se pode suspeitar de que não participara da acolhida universal à descoberta de Herschel. A ausência de qualquer menção ao fato me convence de que o episódio astronômico foi publicado de um manuscrito escrito antes de 1781, quando Urano foi descoberto. Não conhecedor da língua francesa em 1793, Paine talvez ignorasse a errata na tradução de Lanthena's, e, como não dispunha de tempo para copiar, ele naturalmente teria utilizado ao máximo o mesmo manuscrito quando preparava seu trabalho para leitores ingleses.⁸

O interesse de Paine por astronomia e outras ciências naturais explica, em certa medida, suas posições religiosas, como se verá. As idéias defendidas em *The age of reason* estão presentes em todos os outros textos dedicados à religião. Por ser uma obra compilada ao longo da vida, ela explica e aprofunda idéias encontradas em outros textos de forma superficial. Resumidamente, nega-se a veracidade das profecias, os eventos sobrenaturais da bíblia e a existência de um Deus vingador como apresenta o Antigo Testamento bíblico. Tudo o que foge à compreensão da racionalidade é falso, pois verdadeira é a razão universal. De forma sucinta, Paine expõe esses pensamentos no texto *Existence of God*.

Segundo Conway, editor do texto, *Existence of God* é um escrito da mocidade de Paine. A versão final foi feita sob a forma de discurso em 1797, no primeiro encontro público da Sociedade Teofilantrópica de Paris. Porém, o estilo do texto assemelha-se aos artigos da *Pennsylvania Magazine*, anteriores à revolução norte-americana (1776), evento que, de acordo com o próprio Paine, fez dele um verdadeiro escritor. Por ocasião da reunião inaugural da Sociedade em Paris, o texto foi acrescentado de poucos parágrafos. Outro elemento que faz Conway crer que o discurso teve origens antigas é o fato de que Paine dá uma explicação muito superficial ao que chama *infidelidade*. Em *The age of reason*, obra posterior a *Existence of God*, o conceito de infidelidade é aprofundado, de forma que o autor daria uma idéia profunda também em *Existence of God*, se este fosse datado de 1797.

Os teofilantropos eram homens que propunham uma postura diferenciada em relação à divindade, baseada na racionalidade humana. Essas idéias – que serão mais bem explicadas adiante na análise de *Existence of God* –, suscitaram reações da Igreja Católica na França, a ponto de Napoleão fechar a sociedade anos depois de sua criação (1796). Tom Paine

⁷ O editor não é identificado no texto, porém a introdução revela que foi escrita no fim do século XIX.

⁸ *The age of reason*. “Editor's introduction”. p.02.

menciona a Sociedade como se estivesse em sua infância, num momento em que não eram necessários o temor de perseguições e o segredo. É significativo, no contexto do movimento ilustrado, que o fim do século XVIII tenha proporcionado este sentimento. Era o primeiro encontro público do grupo: a palavra de crítica poderia ser expressa.⁹ Mas o otimismo deve ser interpretado de forma complexa, já que pouco tempo depois a Sociedade iria sofrer perseguições. Foi nesse contexto de tensão que os escritos de Paine surgiram.

As Luzes para Tom Paine

Os autores costumam fazer juízos sobre seu próprio tempo. Os *ilustrados* viam nascer um era em que a humanidade saia de sua menoridade: um tempo em que nada externo à própria condição humana poderia levar a sociedade adiante. O homem, em suas faculdades racionais, emergia como juiz de si e, se isso valesse para todos eles, não haveria nada que impediria o progresso, a marcha em direção à civilização. Governo da *Razão*.

Para o grupo radical de pensadores teofilantrópicos do qual Tom Paine fazia parte, a religião institucionalmente constituída não poderia mais responder aos questionamentos racionais que o século XVIII viu nascer. Partindo do raciocínio direcionado, através da observação visual dos fatos naturais, a religião vestia-se, na filosofia desse grupo, com roupagem distinta – por vezes completamente oposta – da tradicional.

A era inaugurada por esse julgamento racional do mundo era identificada com uma ruptura por Paine. As lutas políticas que foram o motor da centralização política e as perseguições promovidas pela intolerância religiosa haveriam sucumbido sob o triunfo da razão:

A infidelidade foi propagada por aqueles induzidos pelo exagero ao qual chegaram os sistemas imaginativos de religião, e pela intolerância, perseguições, incêndios e massacres que este exagero ocasionou; pensando ser melhor não crer em coisa alguma do que crer numa multiplicidade de coisas e em credos complexos, causaram grande confusão no mundo. Mas tais dias passaram, a perseguição cessou, e o antídoto que antes existia, hoje não tem sombra de apologia. Nós professamos, e proclamamos em paz, a pura, legítima, confortável e racional crença em um Deus, como este se nos manifesta no universo. Fazemos isso sem um mínimo de apreensão de que tal crença seja alvo de perseguições como outras

⁹ Uma Sociedade semelhante foi criada em Nova Iorque anos mais tarde, por Colonel John Fellows e outros amigos de Paine, com o objetivo de resgatar os princípios teofilantrópicos deturpados pela Sociedade parisiense. O próprio Paine concordava com essa crítica, dizendo que os membros franceses misturavam oferendas de flores em altares, cerimônias do catolicismo e o culto “robbspierresco” a um Ser Superior. Ver a nota introdutória do editor a *Existence of God*.

crenças o foram, ou de que soframos nós algum tipo de perseguição. A Deus, e não a homem, deverá qualquer um prestar contas de sua fé.¹⁰ [grifos meus]

O segredo da crítica ao sistema tradicional – religioso e político – não era mais necessário. Proclamar uma crença diferenciada *sem um mínimo de apreensão de que tal crença seja alvo de perseguições* somente foi possível no momento em que a crítica pôde se lançar como *palavra pública*.

Sustentando a possibilidade da livre proposição crítica estava o homem como juiz de si. Os trechos iniciais de *The age of reason* são interessantes nesse aspecto. Seguindo uma tendência de seus amigos pensadores, Paine decide que é necessário fazer sua profissão de fé. Deve-se notar que o pensamento de Paine era muitas vezes julgado como ateu, por isso o autor não deixa de enfatizar o que entende por infidelidade: crer ou não crer não decide quem é infiel, mas sim o fato de alguém professar crer no que, na verdade, não crê. Paine diz:

Não creio na fé professada pela igreja judaica, pela igreja romana, pela igreja grega, pela igreja turca, pela igreja protestante, ou qualquer outra que porventura eu conheça. Minha igreja é minha própria mente.¹¹ [grifo meu]

Como é possível alguém afirmar algo tão extremo? Para o autor britânico isso é possível se o homem for juiz de si, se sua mente for sua própria religião. A submissão¹² da humanidade às *Luzes*, através da soberania da razão, permite que outra religião surja. O modo como Paine via o tempo do século XVIII emerge de seus escritos com frequência, e a análise de suas idéias religiosas podem nos ajudar a compreender seus julgamentos sobre o período que ficaria conhecido como *ilustrado*.

Razão, fé e a necessidade de uma causa primeira

But when the divine gift of reason begins to expand itself in the mind and calls man to reflection, he then reads and contemplates God and His works, and not in the books pretending to be revelation.

Thomas Paine, *Of the religion of deism...*

¹⁰ PAINE, Thomas. *Existence of God*. Abika. s/d. p.08.

¹¹ PAINE, Thomas. *The age of reason*. Blackmask Online, 2000. Disponível em www.blackmask.com. Acesso em 14/04/2005. p.10. Tradução livre.

¹² Note-se a construção retórica do pensamento ilustrado de Paine: se antes o homem era submetido ao externo, libertou-se. É possível falar, porém, em uma nova submissão na medida em que a razão é algo surgido da observação individual da natureza. O homem que se submete à razão se submete, por conseguinte, a si próprio.

Depois de explicado o contexto em que surgiram os textos e como Paine julgava seu próprio tempo, chega o momento de analisar com mais profundidade alguns textos. Tomarei como lente a ênfase dada por Paine à observação do universo natural para o conhecimento divino, pois essa é a novidade religiosa proposta pelo autor.

Em *Existence of God* é defendida a existência de Deus. O ateísmo, equivalente à infidelidade, deve ser combatido com a filosofia natural. Esta, por sua vez, é um estudo não do universo, somente, mas um estudo teológico. É o estudo da causa através da consequência, “o estudo de Deus através de suas obras”.¹³ Desta forma a bíblia de um teofilantropo – ou deísta – é o universo natural, pois é nele que se manifesta a existência de Deus: “Quando estudamos elementos de geometria, pensamos em Euclídes. Quando falamos de gravidade, pensamos em Newton. Como, pois, quando estudamos as obras de Deus na criação, limitamos a nós mesmos e não pensamos em Deus?”¹⁴ Não aceitando, *a priori*, a existência de Deus, diriam alguns. Mas no pensamento do autor, não existe racionalidade que possa, pela observação da natureza, conceber a inexistência de Deus, pois a necessidade de uma causa inicial não seria saciada.

À época – lembre-se que o texto provavelmente é anterior a 1776 e foi adaptado em 1797 –, Newton havia defendido a necessidade da causa inicial para o movimento dos planetas e Paine, por seu interesse em astronomia, defendia a mesma posição. O movimento, por não ser conteúdo da matéria, tem necessariamente sua origem em algo externo, no caso, Deus. Quem além de Deus poderia ter dado tal impulso à tão grande quantidade de matéria? O sistema solar é o exemplo máximo da existência de Deus por sua propriedade locomotiva, que ordena os planetas nas órbitas em movimentos de rotação e translação, sem que essa capacidade seja originada na matéria que os compõe. Toda a existência de vida na Terra depende desse fenômeno:

A Terra percorre essa viagem em trezentos e sessenta cinco dias e algumas horas, e consequentemente se movimenta a razão de mais de um milhão e seiscentos mil milhas a cada vinte e quatro horas. Onde a infidelidade, onde o ateísmo buscará a causa para esta assombrosa velocidade de movimento, que nunca pára, nunca varia, e que é o que mantém a Terra em sua órbita?¹⁵

¹³ PAINE, Thomas. *Existence of God*. Abika. s/d. p.04. Tradução livre.

¹⁴ PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.04. Tradução livre.

¹⁵ PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.07. Tradução livre.

Defendida a necessidade de uma causa inicial para a existência do universo, a idéia tradicional de fé cristã é invertida. Enquanto o cristianismo definia a fé de uma forma, a razão ilustrada defende a constatação do divino pelo estudo da natureza visível: “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem. (...) Pela fé entendemos que os mundos foram criados pela palavra de Deus; de modo que o visível não foi feito daquilo que se vê”.¹⁶ Ao contrário, para um deísta, aquilo que é visível baseia a crença: pelo mundo entende-se que existe um criador.

Segundo Tom Paine, todo o conhecimento teológico era, até então, procurado em livros impressos, supostamente baseados em revelações divinas e sobrenaturais. O homem não pode prová-los em sua veracidade através da razão. Assim, o estudo teológico, para o autor, é feito às avessas: “Escolas transformaram o estudo da teologia em estudos de opiniões escritas em livros impressos; ao passo que teologia deveria ser estudada nas obras e livros da criação”.¹⁷ Os livros impressos, que apenas produzem fanatismo e perseguições “*que desolaram a Europa*”, não explicam a existência de Deus, ao passo que o estudo da teologia através da criação produz um efeito contrário: “A mente se torna iluminada e serena, uma cópia da cena que contempla: informação e adoração andam lado a lado; e todas as faculdades sociais se tornam mais abrangentes”.¹⁸ [grifos meus]

Perceba-se a idéia de mente esclarecida (*enlightened*) pela luz da razão natural. É inevitável um paralelo com a idéia de câmara obscura, onde a realidade produz uma imagem invertida e fiel, exatamente com prevê Tom Paine: a crença num poder superior é “crença oriunda de fatos visíveis”; esses fatos visíveis, quando contemplados, tornam a mente “uma cópia da cena que contempla”. A câmara obscura era não só um instrumento utilizado por artistas, mas também comumente utilizada como metáfora para a mente humana. Lembre-se que estava em curso uma mudança significativa nas teorias da visão, como por exemplo, os estudos de Goethe sobre as faculdades da visão, que veio a desafiar o modelo da câmara obscura como metáfora da visão humana. Ainda assim, a câmara obscura permaneceu como um modelo a ser utilizado, sobretudo depois do surgimento da fotografia.¹⁹

A elevação do homem a um patamar superior também não deixa de ser enfatizado, pois a divindade está expressa na natureza. Se a mente humana torna-se uma cópia do que contempla, é inevitável a convergência da razão divina e da razão humana: “Afinal, não

¹⁶ Epístola aos Hebreus, xi:01 e 02.

¹⁷ PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.04. Tradução livre.

¹⁸ PAINE, Thomas. *Existence of God*. pp.04-05. Tradução livre.

¹⁹ CRARY, Jonathan. *Techniques of the observer. On vision and modernity in the Nineteenth Century*. Cambridge: MIT Press, 1993.

queremos saber o que é Deus? Procuremos não em livros, mas na Escritura chamada Criação”.²⁰

Entretanto, na condição terrena, o homem é inferior a Deus. Segundo Paine, o homem equivale à metade da divindade. Para provar a existência de um ser superior, o autor lança mão de uma interessante comparação. Imaginar um deus é possível através do raciocínio filosófico: pensemos num ser cuja capacidade de ação é igual a sua vontade. A natureza da vontade humana é infinita, mas limitada é sua capacidade de ação. Se a possibilidade de fazer valer a vontade humana equivalêsse aos desejos, o homem se igualaria a Deus: “Nesse raciocínio progressivo, vemos na natureza da vontade humana metade do que concebemos quando pensamos em Deus”; adicionando a outra metade, compreende-se a existência de Deus.²¹ Desde o menor animal até o homem pode-se observar uma progressão de poder. Assim sendo,

Onde está a dificuldade de se supor que, no “topo de todas as coisas”, existe um Ser no qual um poder infinito se une a uma vontade infinita? Quando esta simples idéia é apresentada a nossa mente, temos uma idéia de um Ser perfeito, o qual chamamos Deus.²²

Por fim, Tom Paine constata que é de imensa contribuição social que o estudo teológico seja feito através da filosofia natural. A teologia obteria maiores atrativos e os conhecimentos científicos seriam alcançados por indivíduos excluídos:

O profissional será ensinado nos princípios matemáticos necessários para que lhe rendam uma proficiência na sua arte; o lavrador verá se desenvolverem os princípios da vegetação; ao passo que verá, também, a mão de Deus em todas essas coisas.²³

Para finalizar esta seção, vale dizer que no início do século XVIII outro autor defendeu a crença em Deus através da observação da criação. O próprio Paine recorre a esse autor em *The age of reason*. Trata-se de Conyers Middleton, bibliotecário da universidade de

²⁰ PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.04 e 07. Tradução livre.

²¹ É inevitável levantar a questão do paralelo com a tradição cristã, baseada no Gênesis, de que o homem obteve o conhecimento pela desobediência. O fruto da árvore proibida deu ao homem a razão do bem e do mal. Outra árvore do paraíso permitiria que o homem se igualasse em poder e imortalidade a Deus. Paine chega a dizer: “Suppose the power equal to the will, and man would be a God. He would will himself eternal, and be so. He could will a creation, and could make it”. p.07. Paine não credita à Bíblia nenhuma sombra de veracidade, e as descrições do Gênesis são julgadas por ele como alegorias. A Igreja Católica Romana teria as transformado em fatos reais para justificar suas doutrinas. Ver PAINE, Thomas. *Of the religion of deism...*

²² PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.07. Tradução livre.

²³ PAINE, Thomas. *Existence of God*. p.08-09. Tradução livre.

Cambridge, na Inglaterra. Paine o define com um típico ilustrado: “Ele foi um homem de uma forte e original mente, teve coragem de pensar por si mesmo, e a honestidade de expor seus pensamentos”.²⁴

Julgamentos racionais sobre a Bíblia

Reason is the forbidden tree of priestcraft...

Thomas Paine, *Of the religion of deism...*

O Teofilantropismo, ou simplesmente Deísmo, defendido por parte dos *ilustrados*, dedica-se em grande medida à refutação da Bíblia enquanto uma revelação verídica de Deus. Como se viu, Paine eleva a criação visível ao patamar de testemunho mor da existência de um Ser Superior, não obstante isso esteja previsto numa epístola paulina.²⁵ *The age of reason* possui várias menções à falsidade bíblica, sendo talvez a mais consistente a seção *Examination of the prophecies*.²⁶ Algumas asserções de Tom Paine são ilustrativas e complementam as idéias defendidas em outros textos.

Consideraremos aqui as primeiras acusações do autor ao clamor pela veracidade bíblica. Trata-se do episódio da concepção de Jesus Cristo, quando Maria e José receberam revelações através de sonhos. De acordo com a Bíblia, no evangelho segundo Mateus, Maria encontrou-se grávida mesmo antes de ter se deitado com seu marido, José, pela primeira vez. Turbando-se o coração de José, um anjo apareceu-lhe em sonho dizendo para que não temesse, pois o ser no ventre de sua esposa era fruto do Espírito Santo. Como, para o cristianismo, o nascimento virginal é uma profecia, neste ponto Paine faz seus primeiros comentários.

Para ele, a autoridade do texto se baseia em nada mais que um sonho, “pois é impossível para um homem contemplar algo no sonho que seja mais do que aquilo com o que ele sonha”.²⁷ A mente, quando o corpo está adormecido, é prodigiosa, pois se vale de tudo o que a imaginação pode inventar. Paine chega a usar o termo *irrational* para caracterizar as faculdades mentais nos sonhos. Desta forma, crer na veracidade do texto bíblico é por a fé em

²⁴ PAINE, Thomas. *Old Testament “prophecies” of Jesus proven false*. In: *Essays on religion*. Abika, s/d. p.28. Este texto é originário da terceira parte de *The age of reason*. Tradução livre.

²⁵ Não pude encontrar comentários de Tom Paine sobre esta passagem.

²⁶ Na coletânea *Essays on religion*, esta seção é intitulada *Old Testament “prophecies” of Jesus proven false*. Esta foi a versão utilizada neste trabalho.

²⁷ PAINE, Thomas. *Old Testament “prophecies” of Jesus proven false*. In: *Essays on religion*. Abika, s/d. p.03. Tradução livre.

algo baseado não na razão, mas na irracionalidade. Atitude inversa em relação ao que se pregava nas *Luzes*, a fé no que não se vê é reprovada. Não é sem motivo que o autor usa recorrentemente o termo *behold*. Lembre-se da importância dos fatos visíveis para a crença em Deus, tão cara a Tom Paine. O deísta deve contemplar a natureza (“...the scene it beholds”), enquanto os cristãos crêem naquilo que José contemplou (“behold”) num sonho. Paine dá o veredito, com certa carga irônica: “Eu não dou crédito a meus próprios sonhos, e eu seria um tolo se desse crédito ao sonho de outrem”.²⁸

Tom Paine percorre os quatro evangelhos refutando cada trecho que clama ser um cumprimento de profecias do Antigo Testamento bíblico. Como sempre, a razão é a lente pela qual o leitor deve julgar os textos. Quando aos milagres e episódios maravilhosos das histórias bíblicas, Paine também não poupa críticas. Num artigo de 1804, diz:

As pequenas e insignificantes, às vezes obscenas, lendas da Bíblia são insuportáveis quando postas em comparação com esta grande obra [a criação]. O deísta não precisa daqueles truques e espetáculos chamados milagres, pois o que pode ser milagre maior do que a própria criação, e sua própria existência?²⁹

Novamente a criação é usada como confirmação da crença. Além disso, para que alguém creia nos sistemas religiosos ditos revelados, é preciso driblar a razão. Para não alongarmos demasiadamente os exemplos, vejamos um último argumento de Paine sobre a veracidade do deísmo e falsidade dos sistemas religiosos ditos revelados. Ele também se fundamenta na leitura e julgamento racional da religião.

Como é comum na filosofia de Tom Paine, a questão dos princípios marca seu pensamento religioso. No princípio das crenças – em seu *artigo* primeiro, como coloca o autor – todos os homens são deístas, pois, seja de qual for a denominação, o crente professa a existência de um deus, um Ser Superior. Porém, nos sistemas religiosos existentes, os homens se apartaram desse princípio: os judeus crêem na revelação das leis a Moisés; os muçulmanos nas revelações a Mohamed; os Persas creram nas leis de Zoroastro como leis divinas; e os cristãos atribuem aos evangelhos as revelações sobre os planos de Deus para a humanidade. Cada uma dessas crenças professa uma verdadeira revelação e são excludentes umas em relação às outras.

²⁸ PAINE, Thomas. *Old Testamente “prophecies” of Jesus proven false*. p.04. Tradução livre.

²⁹ PAINE, Thomas. *Of the religion of deism compared with the christian religion and the superiority of the former over the latter*. Paul Halsall, 1998. In: *Modern History Sourcebook*, disponível em <http://www.fordham.edu/halsall/mod/paine-deism.html>, acesso em: 06/01/2007, citado a partir daqui como PAINE, Thomas. *Of the religion of deism...* Tradução livre.

A grande falsidade nesses sistemas religiosos é que seus princípios – seus *artigos*, como numa *constituição* – são contraditórios entre si, pois não obedecem ao primeiro artigo. A existência de Deus é “consentida universalmente por toda a humanidade”,³⁰ obviamente pelo testemunho da criação. Assim sendo, todos os outros *artigos* das crenças devem ser tão racionais quanto à constatação da existência de Deus:

Portanto, todo artigo necessário para felicidade e salvação do homem, deverá ser tão evidente para a razão e compreensão quanto o primeiro artigo, pois Deus não nos concedeu razão para nos confundir, mas para que a usemos para nossa felicidade e Sua glória.³¹ [grifos meus]

Neste ponto Paine ataca um dos grandes pilares do cristianismo, que é a idéia de uma razão divina diferente da razão humana. Como argumenta o apóstolo Paulo:

Porque a palavra da cruz é deveras loucura para os que perecem; mas, para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.
Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei o entendimento dos entendidos. Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o questionador deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?
Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo pela sua sabedoria não conheceu a Deus, aprovou a Deus salvar pela loucura da pregação os que crêem.³²

E:

Ninguém se engane a si mesmo; se alguém dentre vos se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para se tornar sábio.
Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia;
E outra vez: O Senhor conhece as cogitações dos sábios, que são vãs.³³

Como se vê, a irracionalidade do cristianismo não pode ser atribuída a Deus, se seguirmos o pensamento do autor *ilustrado*, pois a razão de Deus anda em consonância com a razão humana, como vimos em seção acima. A Bíblia, para Paine, não guarda verdade alguma, pois suas lendas – como o autor denomina as histórias bíblicas – são incompreensíveis e impassíveis de comprovação. A razão dada por Deus ao homem serviria para a compreensão da Sua existência e de forma alguma para confundir a mente humana.

³⁰ PAINE, Thomas. *Of the religion of deism...*

³¹ PAINE, Thomas. *Of the religion of deism...*

³² I Coríntios, i:18-21.

³³ I Coríntios, iii:18-20.

Conclusão

Para concluir este trabalho sobre o pensamento de Thomas Paine sobre a religião, deve-se lembrar, novamente, que o século XVIII foi marcado por diversas discussões filosóficas, o que nos impede de afirmar que o conjunto dos autores *ilustrados* defendeu posições semelhantes às de Paine. Podemos atribuir os pensamentos expostos aqui às Sociedades Teofilantrópicas e aos Deístas, mas também não podemos afirmar que fossem estes os únicos a defendê-los.

Entretanto, as idéias de Paine sobre a religião podem ser classificadas como ilustradas, pois elevam o homem ao patamar de juiz de si, iluminado por uma Razão que, como um raio de luz numa sala escura – a câmara escura –, imprime na mente humana uma imagem real do que é o mundo, ainda que invertida. O *esclarecimento* permite ao homem sair de sua minoridade e tornar-se tutor de si mesmo, apto a criticar e questionar a tradição política e religiosa. O tempo da Ilustração enquanto um período histórico foi identificado como uma ruptura pelos próprios contemporâneos do processo, como vimos aqui, no caso de Tom Paine, e como foi o caso de, por exemplo, Kant.

Um panorama e uma análise mais profundos dos escritos sobre religião de Paine apenas seriam possíveis a partir da análise completa de *The age of reason*. Além disso, essa empreitada poderia esclarecer as mudanças – se houveram – no pensamento do autor, já que a mencionada obra foi compilada ao longo da vida de Paine. Não obstante, os pilares de sustentação de seus argumentos foram expostos aqui, quais sejam: 1) a existência de Deus é testemunhada pela criação, sendo a astronomia seu exemplo máximo; 2) o deísmo baseia-se na crença de Deus, não precisando recorrer a escritos revelados, pois a observação dos fatos visíveis da natureza basta para tal crença; 3) a Razão é o filtro que estabelece o que é verdade: a Bíblia é incompreensível em inúmeras partes, e por isso falsa.

É necessário mencionar, para finalizar, que a idéia de história, cara à *ilustração*, de que o homem caminha para estágios cada vez mais esclarecidos, não esteve ausente da filosofia de Paine. Aliando esse fato ao deísmo, sugerimos que Thomas Paine foi um dos pensadores que teria influenciado o Positivismo enquanto uma filosofia da História, por um lado, e enquanto um pensamento com desdobramentos filosófico-religiosos, por outro, determinante na formação de entidades religiosas cuja base foi a Razão, tal como a Igreja Positivista. Vimos que, para ele, uma revolução na política acarretaria uma revolução na

religião, e assim o homem iria emancipar-se do julgo das perseguições, na medida em que a razão fosse abrindo os olhos da humanidade. O homem, para Paine, tem propensão ao bem, pois é criação de Deus, que é bom por princípio. Assim, quanto mais o homem se aproximasse de Deus pela crença racional, melhores seriam as relações entre ele e seus próximos. O editor de um de seus textos, ao fim do século XIX, corroborou essa idéia de progresso:

A exaltação da natureza moral do homem como fundamento da religião deísta, apesar de ser conhecida hoje de sobejo, foi uma afirmação nova há cem anos; gerou uma concepção subversiva da divindade para o deísmo do final do último século [XVIII], humanizou a religião, e suas últimas metas filosóficas e éticas ainda não foram alcançadas.³⁴ [grifos meus]

Artigo recebido em 25/09/2008 e aprovado em 15/02/2009.

³⁴ Nota do editor a *The age of reason*. p.10. Tradução livre.